

Gustavo Noronha Silva

Fichamento:
Nicolau Maquiavel: o cidadão sem fortuna,
o intelectual de virtú

Montes Claros

março / 2003

Gustavo Noronha Silva

Fichamento:
Nicolau Maquiavel: o cidadão sem fortuna,
o intelectual de virtú

Fichamento apresentado à disciplina Política
I do curso de Ciências Sociais da Universi-
dade Estadual de Montes Claros

Orientador:
Antônio Maciel

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS / UNIMONTES

Montes Claros
março / 2003

Maquiavel

Maria Tereza Sadek. Nicolau Maquiavel: o cidadão sem fortuna, o intelectual de virtú. In: WEFFORT, Franciso (Org). Os Clássicos da Política. São Paulo: Ática, 1995. p. 13-24

O autor começa sua exposição com uma breve descrição da visão mais comumente relacionada a Maquiavel tanto no debate político quanto na fala do cotidiano, dos significados atribuídos ao adjetivo “maquiavélico” e ao substantivo “maquiavelismo”. Passa, na segunda parte, a uma biografia resumida de Maquiavel contextualizando nosso estudo: Maquiavel nasceu em uma Itália constituída de pequenos Estados que, além de totalmente diferentes em muitos aspectos, lutavam entre si pelo poder. Instabilidade era a palavra de ordem, com governantes não conseguindo se manter no poder em um Estado por muitos meses. Somando-se a isso tudo, França e Espanha, Estados Nacionais já constituídos, invadiam os Estados italianos ampliando o caos. Maquiavel ocupou cargos públicos e exerceu diversas missões diplomáticas obtendo assim uma certa vivência sobre o funcionamento do Estado e das instituições relacionadas a ele. Tido como republicano pelos Médicis foi preso e impedido de exercer seu ofício e se retirou para sua propriedade rural, onde começou a escrever suas obras. Mais tarde, escreve sobre Florença a pedido de um dos Médicis e, quando esses são depostos, é visto como alguém que possuía ligações com os tiranos. Isso o deixa desgostoso, ele adocece e morre. A terceira parte fala da verdade efetiva das coisas. Mostra que Maquiavel não se preocupa em descrever realidades ideais que nunca existiram, mas sim em apreender a verdade efetiva das coisas. Ele quer, diante da realidade resolver o inevitável ciclo de estabilidade e caos. Como fazer reinar a ordem, como instaurar um Estado estável? A ordem não é natural e eterna, mas sim produto necessário da política. A política é o resultado das ações concretas dos homens em sociedade. A quarta parte descreve a natureza humana como Maquiavel a percebe e a relação da história com o pensamento político. Segundo ele, os homens “são ingratos, volúveis, simuladores, covardes ante os perigos, ávidos de lucro” (O Príncipe, cap. XVII) e a história é cíclica, repetindo indefinidamente situações de desordem e ordem alternadamente, dada a malignidade intrínseca do ser humano. Portanto, ele acredita que se pode aprender com a história a prever os acontecimentos que se produzirão em cada Estado e usar os mesmos remédios usados pelos antigos ou, se esses não estiverem disponíveis, criar novos a partir da semelhança dos acontecimentos. A quinta parte discorre sobre os desejos opostos presentes em todas as sociedades: o povo não quer ser dominado e os grandes querem dominar o povo. Maquiavel sugere que há duas formas de resolver o confronto entre grupos sociais e a anarquia decorrente da natureza humana: o Principado e a República. Quando a nação se encontra ameaçada é necessário um governo forte para inibir a vitalidade das forças desagregadoras e corruptas. O príncipe não é um ditador, mas um agente da transição para uma sociedade equilibrada, pronta para uma República. A sexta parte mostra como Maquiavel faz uso da mitológica figura da deusa fortuna - detentora dos bens que todos os homens desejavam: honra, riqueza, glória, poder - para demonstrar a necessidade de se ter virtú - coragem, virilidade. Segundo ele, a virtú pode dominar a fortuna. O governante é, portanto, aquele que demonstra ter virtú, que demonstra saber fazer o uso virtuoso da força, e não simplesmente o mais forte, sendo

assim capaz de manter o domínio adquirido pelo amor ou, pelo menos, pelo respeito dos governados. O texto destaca, depois, que, para Maquiavel a diferença existente entre os Principados hereditários e os novos é que os primeiros têm maior facilidade de se manter inicialmente no poder, já que o povo já está acostumado com a família governante, mas deixa claro que nem eles estão livres da instabilidade. Mais a frente, o texto mostra que, para Maquiavel, a moral não deve ser um freio para a política. O governante deve aparentar ser aquilo que seus governados presam, mas deve saber agir de acordo com as necessidades.